

## *DESDE OS MISTÉRIOS DO TEMPO, CONQUISTO POESIA: DEPOIMENTO SEGUIDO DE 4 POEMAS*

---

ZAINNE LIMA DA SILVA

---

Zainne Lima da Silva (1994) é autora de *Pequenas ficções de memória* (Ed. Patuá, 2018), *Cantões para desacordar os homens* (1ª ed. independente, 2020 / 2ª ed. Ed. Popular Venas Abiertas, 2023) e *Pedra sobre pedra* (Ed. Popular Venas Abiertas, 2020). Participa de diversas iniciativas culturais, antologias impressas e virtuais, portais e revistas de literatura.

---

*Este texto retoma a fala da autora na mesa “Figurações e fulgurações femininas. Conversa e leitura de poemas com as poetas Julia de Carvalho Hansen, Paula Glenadel, Simone Brantes e Zainne Silva” no colóquio “(Des)figurações do feminino na poesia contemporânea”, organizado por Masé Lemos (Unirio) e Viviana Bosi (USP) e promovido pelo Departamento e Programa de Pós-graduação de Teoria Literária e Literatura Comparada - FFLCH/USP.*

A pergunta de Sojourner Truth continua a martelar em minha cabeça. Mas ganha contornos contemporâneos. *E eu, não sou uma poeta?*

A luta de mulheres negras por visibilidade e conquista de direitos tem sido reverenciada. Faço parte dela, por incumbência do destino. No entanto, este corpo em que moro, afirmativamente feminino mas insuperavelmente negro, não é visto como cabeça. Braços, mãos, pés, seios e quadris, nunca cabeça. Diante disso, é por meio do corpo que conduzo quem me lê à minha intelectualidade. As múltiplas formas que assume a minha poesia são guiadas pela pulsação de um corpo: meu, vivo, em movimento. Produzo suor e lágrimas, sem dúvidas. Antes disso, desde os mistérios do tempo, conquisto poesia. Nisto está toda a minha capacidade cognitiva e o exercício contínuo do ofício. Ser boa para a literatura é apenas consequência de uma busca incessante por identidade.

Reconhecer-me mulher negra brasileira foi uma jornada paralela à de reconhecer que a escrita é o que me sintetiza. Escrever, para mim, não se trata de uma tendência à emoção, somente. Trata-se de compreender que a sensibilidade é um artifício por meio do qual escolho, deliberadamente, as palavras. Meu encontro com Julia Hansen, Paula Glenadel e Simone Brantes, no colóquio (des)figurações do feminino na poesia contemporânea, em 2022, mostrou outra face de meu desafio. Depois de ter o corpo remontado, dotado de todos os membros e visto, como se desviar dele? Como fazer com que a poesia corpórea volte ao barro e transforme-se em mata, cidade, universo?

Homens brancos, há séculos, escrevem. Sobre o que querem e como querem. Para além de escrever, são lidos e tomados como referências em tudo o que fazem. Não se diz que homens brancos estejam emotivos demais; piegas; identitários; politicamente apelativos; nichados; reduzindo o público leitor a x ou y. Como se desmonta uma estrutura tão bem estabelecida para que uma poeta negra possa abandonar o seu corpo, quem sabe até a sua luta, para tornar-se o que quer ser? Ainda que o que ela deseje seja, sobretudo, volver-se palavra errante?

\*\*\*

### **Memórias do cárcere**

amei homens  
cujo prazer era gozar o silêncio  
principalmente quando deviam explicações  
para eles, silenciar era uma escolha  
um repouso a quem o direito do dizer  
esteve sempre e sempre garantido  
eu descobri o poder da garganta  
para que calar se estive muda nos corpos  
de minhas tatará-bisavó  
se estive quieta em Eva e em Maria  
se meu único som legítimo fora o gemido de choro  
dentro de um navio negreiro  
o silêncio, para mim, é cárcere  
não fico quieta, não ficarei

gritarei cada vez mais alto em prateleiras públicas  
forrando os livros com os meus nervos  
de aço, sim, mas humanizados e raivosos  
furiosos, desvairados, excelentemente polidos  
no uso poético de cada palavra minha  
se um dia me calar, será em fogueira de papéis  
censura, aniquilação do pensamento e da expressão  
ainda depois de morta  
estarei cá em meus livros a falar  
sobre memórias de libertação.

### **Sem título**

eu imaginei que  
no dia em que chorasse na sua frente  
você me poria no colo  
consolaria a minha dor  
mas não  
você se chateou com o meu choro  
começou a chorar também  
a dizer que eu me zangava com tudo  
te pedi desculpas  
disse que melhoraria meu humor  
limpei tuas lágrimas com a língua  
quando elas tocaram sua boca  
o gosto era tão amargo  
que mais tarde eu vomitei  
é incrível como fico invisível  
quando estou ao seu lado.

## Terra arrasada

deixei que toda uma nação tomasse minhas fronteiras  
gentes de outros idiomas e de outras fés  
das mais diferentes cores e tamanhos  
homens, mulheres, idosos  
entraram em minha região  
às vezes, para pernoitar  
noutras, para lavar seus corpos sujos  
algumas em busca de abrigos gratuitos  
deixei-os entrar  
mexer em minhas terras  
beber de minha água  
arrancar minhas raízes  
alterar o turno de meu sol  
deixei-os levar meus tesouros  
entreguei de mão beijada  
sem sequer declarar guerra  
ou levantar qualquer espada  
deixei-os pendurar suas próprias bandeiras  
cultuar seus próprios deuses  
destruir os meus altares  
mãos vazias, chorei  
hoje, meu território é terra arrasada  
minha alma é seca  
e minha língua não sabe se roga  
misericórdia  
ou  
basta.

## Geracional

minha mãe diz que sou vulgar  
que sexo, para a minha literatura  
tem importância demasiada  
na verdade, eu sou a primeira a admitir  
que há mais para sentir que para fazer  
que bom é quando a gente chove  
sou a primeira a dizer  
publicamente  
que mulher não é serviço  
poste de amarrar jegue  
comida à vontade no banho maria  
mulher é essa onça lânguida  
lua se banhando no raio do sol  
a física da matéria escura  
e gostoso mesmo é o gargalhar sincero  
depois de derramada a água morna

minha mãe diz que sou vulgar  
por ser exatamente o que ela é  
de maneira afirmativa.

---

Submetido em 13 de dezembro de 2023

Aprovado em 20 de dezembro de 2023

Publicado em 28 de janeiro de 2024

---